

IN MEMORIAM LUÍS KRUSS (1954-2005)

Bernardo Vasconcelos e Sousa

No dia 5 de Junho de 2005 morreu Luís Krus, vítima de grave doença. Era membro da Redacção da *Penélope* desde o início e fora um dos mais entusiastas fundadores da revista. Professor Catedrático de História Medieval na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde desempenhou, até Março daquele ano, o cargo de Vice-Presidente do Conselho Científico, foi também fundador e Presidente do Instituto de Estudos Medievais da mesma Faculdade.

Luís Krus era o mais próximo discípulo de José Mattoso, com uma obra extraordinariamente inovadora na área da história cultural e das mentalidades, onde conseguiu uma singular convergência dos contributos conceptuais e metodológicos da história, da antropologia e da sociologia. A originalidade do seu trabalho está espalhada por inúmeros estudos, entre os quais se destaca a sua tese de doutoramento, defendida em 1990 (publicada com o título *A Concepção Nobiliárquica do Espaço Ibérico, 1280-1380*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian — Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994). Partindo dos três nobiliários medievais portugueses que chegaram até nós, Luís Krus fixa uma cronologia mais precisa do que a até então disponível acerca da elaboração desses *livros de linhagens*, esclarece os ambientes socioculturais em que foram produzidos, bem como as conjunturas em que surgiram e os objectivos subjacentes à sua redacção. Através da análise das concepções do espaço, tanto na vertente geográfica como na sua percepção social e cultural, deixava desenhados alguns dos traços fundamentais da ideologia da nobreza senhorial portuguesa, nos finais do século XIII e no século XIV.

Alguns dos seus estudos e artigos, apresentados em reuniões científicas ou publicados em revistas especializadas, foram coligidos sob o título *Passado, Memória e Poder na Sociedade Medieval Portuguesa* (Redondo, Patrimonia, 1994). Aí se encontra a abordagem de temáticas tão variadas como as que estão presentes em “A Vivência Medieval do Tempo”, “As Atitudes face à Inovação/Tradição na Sociedade Medieval”, “Tempo dos Godos e Tempo dos Mouros: as Memórias da Reconquista”, “Os Heróis da Reconquista e a Realeza Sagrada Peninsular: Afonso X e a *Primeira Crónica Geral de Espanha*”, “O Discurso sobre o Passado na Legitimação do Senhorialismo Português dos Finais do Século XIII”, ou ainda os importantíssimos trabalhos intitulados “Celeiro e Relíquias: O Culto Quatrocentista dos Mártires de Marrocos e a Devoção dos Nus”, “Uma Variante Peninsular do Mito de Melusina: a Origem dos Haros no *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro de Barcelos”, “As Origens Lendárias dos Condes de Trastâmara” e “O Rei Herdeiro dos Condes: D. Dinis e a Herança dos Sosas”. Refira-se também um vasto conjunto de artigos e colaborações em obras colectivas, como o catálogo da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, com o título *A Voz da Terra Ansiando pelo Mar* (Lisboa, Conselho da Europa, 1983), o *Dicionário Ilustrado da História de Portugal* (Lisboa, Alfa, 1986), para o qual escreveu sete dezenas de artigos, um dos catálogos do pavilhão português na Exposição Universal de Sevilha de 1992, com o título *Portugal. A Formação*

de um País (Lisboa, Comissariado para a Exposição Universal de Sevilha, 1992, com José Mattoso, Arlindo Manuel Caldeira e Bernardo Vasconcelos e Sousa), o *Dicionário de Literatorta Medieval Galega e Portuguesa* (Lisboa, Caminho, 1993), com mais de uma dezena de artigos sobre a temática da historiografia medieval, o *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, (Lisboa, Círculo de Leitores, 2000), a obra *Memória de Portugal. O Milénio Português* (Lisboa, Círculo de Leitores, 2001), em que se ocupa do século XIII, ou a participação decisiva no livro *O Castelo e a Feira. A Terra de Santa Maria nos Séculos XI a XIII* (Lisboa, Estampa, 1989, com José Mattoso e Amélia Andrade). Poderiam ainda ser referidos muitos outros estudos que permanecem dispersos, da sua autoria ou escritos em colaboração, mas em que o contributo de Luís Krus era sempre determinante.

Além da sua investigação e produção científica pessoal, Luís Krus era também um verdadeiro Mestre na forma como cuidava da actividade docente e da orientação de teses de pós-graduação. As suas aulas de História Cultural e das Mentalidades e de História de Portugal Medieval eram objecto de uma rigorosa preparação e constituíam momentos únicos em que se revelava toda a sua originalidade e empenho numa exposição dos temas de modo claro mas problematizante. Os estudantes de mestrado e doutoramento que orientava eram acompanhados de forma exemplar e os trabalhos que apresentavam tinham sempre a marca inconfundível mas discreta do Mestre.

O desaparecimento de Luís Krus é, pois, uma perda irreparável para a historiografia sobre a Idade Média, para a Universidade e para todos quantos com ele trabalhavam e conviviam. A inteligência, o saber, a experiência, o rigor e a sensibilidade de Luís Krus faziam dele uma referência na sua Faculdade e no meio dos medievalistas portugueses. A sua seriedade, a sua natural modéstia pessoal e a sua capacidade de diálogo conferiam-lhe uma capacidade única para lançar pontes e plataformas de entendimento entre pessoas e entidades muito diversas. Com um espírito crítico inteligente e agudo face aos vícios académicos e aos desvios burocráticos e carreiristas (por vezes mesmo com um humor fortemente sarcástico...), não sabia resistir às inúmeras solicitações que lhe eram dirigidas para apaziguar conflitos e para criar as melhores condições de funcionamento, de colaboração e de convívio intelectual na instituição universitária.

Com a morte de Luís Krus perdem a investigação e a historiografia portuguesas, perde a Universidade e perdem os seus colegas e amigos, todos os que com ele lidaram e, sobretudo, os que mereceram a sua amizade generosa e absolutamente desinteressada. Além das suas capacidades intelectuais e de trabalho, que fizeram dele “um dos mais notáveis medievalistas da nova historiografia portuguesa”, como o considerou José Mattoso, Luís Krus possuía igualmente raras qualidades humanas. Era, na melhor acepção das palavras, um homem livre, justo e bom.